

## REESCRITAS DA VIOLÊNCIA DE ESTADO NAS LITERATURAS PERUANA E BRASILEIRA<sup>1</sup>

*Sonia María Chacaliaza Cruz\**  
*sonia.chacaliaza@gmail.com*  
*Universidade Estadual de Santa Cruz*

*Paulo Roberto Alves dos Santos\*\**  
*pauloroberto3031@uol.com.br*  
*Universidade Estadual de Santa Cruz*

---

**Resumo:** Analisa-se a representação da violência estatal nas produções de Karina Pacheco Medrano e Jeferson Tenório. Essas reescritas de eventos históricos no Peru e no Brasil focalizam a representação de mulheres, indígenas e negros como vítimas do sistema estatal/patriarcal/colonial. O objetivo é demonstrar que os corpos dessas/es sujeitas/os são considerados pelo Estado como “campos de guerra” que devem ser (re)invadidos para manter a ordem social. Dessa forma, a narrativa preenche lacunas das histórias oficiais, especialmente de ações do aparato militar contra a população. Nessa aproximação entre literatura e história, recorreremos a Ricoeur, na noção de representância, e Chartier, na interface literatura-história; já sobre o poder, a violência e o corpo como campo de guerra seguem-se as propostas de Arendt, Jelin e Quijano.

**Palavras-chave:** História. Narrativa. Campo de guerra. Estado. Literatura comparada.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado parcial da pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

\* Mestra em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (2017). Atualmente é doutoranda e bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-PPGL), atuando na linha de pesquisa Literatura e Interfaces. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura contemporânea, especialmente nos gêneros narrativo e dramático latino-americanos do século XXI. Pertence aos grupos de pesquisa "GP-ELLE" (PPGL-UESC) e "FEMINIDADES" (FLCH-UNMSM, Peru).

\*\* Possui graduação em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras-FAPA (1987), Mestrado (1996) e Doutorado (2005) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Atualmente exerce atividades de pesquisa e docência no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações junto à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) como professor voluntário em função dos compromissos assumidos durante o período em que foi bolsista PNPd CAPES no mesmo PPGL. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura e história, atuando principalmente nos seguintes temas: história da literatura, literatura brasileira, literatura afro-brasileira, literatura e samba, literatura e cultura afro-brasileira e crítica literária. É líder do GPAFRO - Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq).



Fonte: Meneses, Flora (2022). *Kallpa Warmi*

## 1 Introdução

O desenho que apresentamos, ao modo de epígrafe imagética para este artigo, foi elaborado pela jovem artista peruana Flora Meneses (2022). Observa-se uma mulher andahuaylina arremessando uma *huaraca* (denominação quéchua de funda) com a intenção de se confrontar com um helicóptero das Forças Armadas do Peru. Essa imagem é uma representação dos confrontos entre a população e as forças policiais e militares que atuam como braço armado do governo. Os enfrentamentos que inspiraram o desenho aconteceram durante os primeiros dias de dezembro de 2022, como consequência da instabilidade política e social gerada pela tentativa de golpe do presidente Pedro Castillo Terrones, sua posterior destituição e seu aprisionamento.

Dina Boluarte, vice-presidente de Castillo Terrones, assumiu imediatamente as funções presidenciais. A população respondeu a esse movimento político protestando,

especialmente nas regiões sul-andinas do país. Devido a isso, Boluarte decretou estado de emergência. A medida, além de restringir direitos, habilitou a intervenção desmedida e violenta da Polícia e das Forças Armadas nos departamentos de Puno, Apurímac, Arequipa e Cusco. No final de janeiro, um informe do Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica (Celag, 2023) mostrou que o governo de Boluarte era o segundo com maior número de assassinatos em protestos por parte das forças estatais. Assim, a nova presidente é constantemente criticada pela população, que já a apelidou de “Dina Balearte”, devido à intransigência para o diálogo e pela permissividade e apoio aos estamentos policiais e militares para agirem com violência contra os cidadãos.

No Brasil, casos de violência estatal se fazem perceber em diferentes situações, em especial, contra as ações de movimentos sociais e no combate à violência urbana, porque as autoridades usam as forças policiais como solução para as consequências das desigualdades sociais em vez de iniciativas que apontem para sua diminuição. No uso corrente, quando se fala em polícia, seja por meio da imprensa ou em um círculo de amigos, a referência diz respeito às polícias estaduais e se o assunto for violência, normalmente envolve a militar. Com a estrutura, disciplina e normas semelhantes às das forças armadas, as polícias militares tratam a população como inimigo, na maioria das vezes com atitudes agressivas como se qualquer pessoa representasse grave ameaça. Quem já passou por uma abordagem, dificilmente tem outra impressão, porém quando se trata de negro e jovem é ainda pior, porque uma simples inspeção de identificação pode ser acompanhada de socos, pontapés e golpes de cassetete, sendo recorrentes os disparos de tiros letais.

De acordo com o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*<sup>2</sup>, as ações policiais causaram mais de seis mil mortes em 2021, o que é um número altíssimo, no entanto, foi menor em relação ao ano anterior, segundo a mesma fonte. Em notícia sobre a divulgação do anuário, o jornal *Folha de São Paulo* informa que desses mortos

---

<sup>2</sup> Editado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública “O Anuário Brasileiro de Segurança Pública se baseia em informações fornecidas pelas secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, entre outras fontes oficiais da Segurança Pública. A publicação é uma ferramenta importante para a promoção da transparência e da prestação de contas na área, contribuindo para a melhoria da qualidade dos dados. Além disso, produz conhecimento, incentiva a avaliação de políticas públicas e promove o debate de novos temas na agenda do setor. Trata-se do mais amplo retrato da segurança pública brasileira”. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

aproximadamente cinco mil eram pessoas negra<sup>3</sup>. As ações policiais que resultam em mortes violentas quase sempre são explicadas com o mesmo argumento: defesa diante da reação armada à abordagem, o que é divulgado pela imprensa como “morte em confronto com a polícia”, como se verifica facilmente em consulta a portais de notícias. Por isso, independente da forma e das motivações, existem relações de proximidade entre Brasil e Peru quanto a práticas estatais de violência, as quais recaem sobre grupos populacionais das bordas sociais desprezados pelos segmentos que preconizam a preservação da lógica do acúmulo pela exploração do outro. Diante da inação ou de dificuldades de governantes para solucionar o problema, a literatura acaba assumindo um papel que, em princípio, não é seu, ao mesmo tempo em que é indispensável, por se transformar em veículo de denúncia e por proporcionar reflexões e questionamentos.

Assim, situações se repetem na história do Peru e do Brasil estão vinculadas a repressão e a violência de policiais e militares contra a sociedade. Eventos como o descrito nos protestos contra a destituição de Castillo Terrones ou ações de prevenção à criminalidade não são fatos isolados. Eles se repetem constantemente em governos democraticamente eleitos ou em ditaduras. Inúmeras situações de confrontos entre população e forças governamentais acontecem nesses países no decorrer desses dois séculos de República. A quantidade de desaparecimentos e mortes, especialmente de jovens, camponeses, indígenas e negros, aumenta a cada protesto ou intervenção policial e militar; no entanto, o discurso oficial minimiza ou apaga de forma deliberada e negligente esses fatos. Então, resta à arte lembrar esses episódios.

A pintura de Meneses é uma das múltiplas formas de representar tais eventos. A literatura é outra expressão artística que resgata e critica situações violentas. Neste artigo, apresentamos dois autores do século XXI que, nas suas produções, ficcionalizam acontecimentos históricos desde a perspectiva das vítimas. As obras escolhidas são *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), da peruana Karina Pacheco

---

<sup>3</sup> “Entre as mortes violentas intencionais —categoria que reúne homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes por intervenção policial—, 78% foram de negros e 21,7% de brancos. No Brasil, 56% da população é negra, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No caso das mortes pela polícia, a diferença é ainda maior: 84% dos alvos são negros. Em 2021, este índice apresentou queda de 31% entre a população branca, mas cresceu 5,8% entre os negros, em comparação ao ano anterior”. *Folha de São Paulo*, 2 jul. 2022, on-line. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/negros-sao-a-maioria-das-vitimas-de-crimes-violentos-no-brasil-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2022.

Medrano, e *O avesso da pele* (2020), do brasileiro Jeferson Tenório. Esses romances apresentam uma releitura da história e recuperam a memória de quem sofre a causa das políticas de extermínio do Estado. Esses escritores atuam como tecedores, que no tear “América”, elaboram com fios de palavras a *lliclla*<sup>4</sup> dos vencidos, dos oprimidos, das vítimas que carregam nas suas costas as consequências da violência estatal.

Em *La sangre, el polvo, la nieve* (Pacheco Medrano, 2010), destacamos o proceder policial e militar durante o mandato de Luis Miguel Sánchez Cerro, na década de 1930. No romance do brasileiro, mencionamos episódios que remetem a ações cotidianas da polícia que resultam em práticas violentas contra a população negra. Este estudo visa a mostrar que os corpos de sujeitas/os são considerados pelo Estado como objeto, como “campos de guerra” que devem ser (re)invadidos, (re)apropriados e (re)educados para manter a ordem hegemônica/colonial. Postulamos que estas narrativas preenchem lacunas que o discurso oficial obliterou ou apagou das páginas da história, especialmente a respeito de ações do aparato militar/policial contra a população, infringindo direitos humanos fundamentais. Para realizar esta aproximação entre literatura e história, recorreremos a Ricoeur (1994), nas noções de representância e tempo, e Chartier (2021), na interface literatura-história; já sobre o poder, a violência e o corpo como campo de guerra, temos como fundamento as propostas de Arendt (1994) Jelin (2002) e Quijano (2010).

## 2 As histórias que a história não conta

Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa* (1997), indica que entre a história e a ficção se estabelecem vários vínculos, sendo o mais destacado a refiguração do tempo. A relação desses discursos com o tempo fenomenológico pode ser percebida mediante a representância, modo de narrar histórico, e a representação ficcional, porque ambos produzem uma atualização dos horizontes temporais. O autor argumenta que essa atualização é uma tentativa por recuperar o passado desde a reconstrução de eventos e modos de pensar pertencentes a tempos anteriores que só podem ser registrados desde a instância do imaginário. De ambos os discursos, o ficcional é aquele que,

---

<sup>4</sup> *Lliclla* é um pano indígena, de origem pré-hispânica, usado para representar a história e cosmovisão das civilizações antigas. Elaborada no tear com fios de diversas cores, é atualmente usada pelas mulheres, sendo empregado para diversas tarefas, especialmente no âmbito doméstico, como transportar alimentos e crianças ou secar alimentos colhidos nas chácaras, como manto para colocar oferendas aos *Apus*, entre outros (Ruraq Maki).

desde seus primórdios, se desenvolveu com predominância nessa esfera imaginária, sem a necessidade de ser verificado na esfera do real.

Essas aproximações entre história e ficção se mostram ainda mais intensificadas quando Ricoeur identifica que o relato histórico utiliza elementos e técnicas narrativas providas da ficção. A presença de um narrador implícito, a organização temporal utilizando verbos em tempo pretérito e a ilusão referencial baseada em documentos e testemunhos reforçam as proximidades entre esses dois discursos. Se considerarmos que o narrador implícito é quem escolhe, avalia, organiza e determina aquilo que pode/tem/deve ser contado, estamos diante um discurso desenvolvido não apenas no nível do imaginário, mas também no âmbito da subjetividade desse narrador. Assim, tanto a história quanto a ficção são discursos que apresentam um olhar particular dos fatos históricos. Na contramão da visão histórica como neutra e cientificista, Ricoeur propõe que o relato histórico também é organizado sob um olhar parcial que destaca e apaga acontecimentos, conforme o contexto social, econômico e político em que se desenvolve a sua produção.

Roger Chartier (2005, 2021), em diálogo com as propostas de Ricoeur, explana sobre as relações estabelecidas entre história, memória e ficção, mediante o tratamento do passado feito por esses discursos, propõe aproximações e distanciamentos entre essas três instâncias. Indica que o presente está constituído por passados sedimentados e entrecruzados, cuja análise é necessária para compreender a contemporaneidade de quem narra. Também reflete sobre o papel da/do historiadora/or, que deve ser capaz de desenvolver uma visão crítica dos acontecimentos e não se limitar à simples narração de fatos. Nesse processo, a/o historiadora/or precisa entender que não tem o monopólio da representação do passado, já que existem outros modos de se relacionar com essa temporalidade anterior. Dessa forma, na dessacralização da/do historiadora/or como detentora/or exclusiva/o da verdade, Chartier tece os vínculos entre a história, a memória e a ficção.

Uma das proximidades mais notórias entre história e ficção é que esta utiliza estratégias daquela para iniciar ou fundamentar sua narrativa. Contudo, essa referência ao real não deve ser entendida sob a perspectiva da verdade histórica, e sim como verdade literária que, por sua natureza imaginária, pode optar por mudar fatos, inventar ou (re)inventar personagens e fazer coincidir etapas históricas de diversas temporalidades, visando criar efeitos de realidade (Chartier, 2005). Essas estratégias permitem que a ficção tenha caráter verossímil e possa ser considerada,

pela/o leitora/o, como um discurso confiável. Essa credibilidade também está sustentada na capacidade que a ficção tem para captar e transmitir a energia social, entendida como práticas quotidianas que não são registradas nas histórias oficiais ou nacionais. Essa energia, argumenta Chartier, é composta por crenças, costumes, modos de vida, pensamentos e anseios das camadas menos favorecidas.

O autor também questiona o tratamento do esquecimento como instância indissociável da memória, especialmente dentro do discurso histórico. O esquecimento é um aspecto da memória, pois é necessário para a manutenção daquilo que deve ou não ser lembrado. Para existir recordação deve, indefectivelmente, existir esquecimento. O problema aparece quando esse esquecimento apaga de forma reiterativa memórias, sujeitas/os e acontecimentos de grupos subalternizados. Quando ignora ou minimiza violências contra grupos sociais mais vulneráveis:

A história não pode ignorar as violências que se esforçaram por fazer desaparecer, não só as vítimas, mas também a possibilidade de que suas existências sejam recordadas. Nesse sentido, a história nunca pode esquecer os direitos de uma memória que é uma insurreição contra a falsificação, o esquecimento ou a negação do que foi. A história deve compreender e aceitar tal pedido e, com sua exigência de verdade, suas próprias operações, identificar o passado borrado nos arquivos, mas presentes nas memórias. Só assim seria, tal vez possível apaziguar as infinitas feridas que deixou em nosso presente um passado que foi amiúde injusto e cruel (Chartier, 2021, p. 50).

Chartier argumenta que esse não esquecer eventos violentos contra os mais vulneráveis é uma das preocupações que devem ser atendidas pela disciplina histórica. Em contrapartida, a representação ficcional, devido ao seu caráter imaginário, é o discurso que, ainda hoje, consegue lembrar episódios violentos desde o olhar das vítimas. Sob essa perspectiva, analisamos os romances de Pacheco Medrano e Jeferson Tenório. Ambos, como discursos literários, representam acontecimentos historicamente reconhecíveis e verificáveis do passado peruano e brasileiro. Porém, o local de enunciação de cada romance visa a destacar o olhar das vítimas a partir de narradores comprometidos com suas personagens e com as temáticas desenvolvidas.

### **3 Militares e a legalidade da violência**

Poder e violência são conceitos caracterizados, por Hannah Arendt (1994), como duas instâncias que estão estreitamente vinculadas na esfera política. O poder responde à capacidade humana da ação. Não é uma propriedade individual, pois é compartilhada por uma coletividade. Para a filósofa, o poder não se sustenta sem o apoio de um grupo, seja majoritário – classes populares –, seja minoritário – elites. Desse modo, uma/um governante não está no poder por decisão pessoal e sim pela vontade dos outros. Dificilmente se encontram exceções a essa norma, pois, nem em ditaduras, a/o governante se guia por um anseio individual. Precisa ter o apoio de algumas minorias, especialmente daquelas que usam a violência de forma legal: as Forças Armadas e a Polícia.

A instrumentalização da violência pode ser identificada nos acontecimentos descritos na introdução deste artigo, mas também em diferentes circunstâncias e governos do Peru e do Brasil. Em *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), da peruana Karina Pacheco Medrano, recupera-se à guerra das Forças Armadas contra os opositores ao regime militar de Sánchez Cerro entre 1930 e 1933.

O historiador peruano Alberto Flores Galindo (1987), enfatiza as relações intrínsecas entre o poder político e a milícia desde a instauração da República:

O vazio deixado pela aristocracia colonial, que no domínio do Tribunal do Consulado tinha adicionado o monopólio do poder político exercido até o ingresso dos patriotas a Lima, não foi coberto por nenhum estrato social. De maneira quase inevitável, o controle dos aparatos estatais foi parar, sem necessidade de procurá-lo, no exército. Os militares ofereceram conservar as formas republicanas e instaurar a ordem (Flores Galindo, 1987, p. 25, tradução nossa).<sup>5</sup>

Desde 1821 até 1895, os governos militares foram majoritários embora, muitos deles, se instauraram por breves períodos. Outro fator a ser considerado para entender a relação entre o militarismo e o governo são as intervenções do exército para interromper mandatos. Os golpes de Estado perpetrados por militares contam com o apoio das elites: “[...] as conspirações têm se urdido nos quartéis, mas também

---

<sup>5</sup> No original: El vacío dejado por la aristocracia colonial, que al dominio sobre el Tribunal del Consulado había añadido el monopolio del poder político ejercido hasta el ingreso de los patriotas a Lima, no fue cubierto por ninguna otra clase social. De manera casi inevitable, el control de los aparatos estatales fue a dar, sin que necesitaran buscarlo, al ejército. Los militares ofrecieron conservar las formas republicanas e instaurar el orden.

nos salões dos clubes ou as casas da oligarquia” (Flores Galindo, 1984, p. 29, tradução nossa).<sup>6</sup>

Um desses golpes foi realizado por Luis Miguel Sánchez Cerro, no início do terceiro mandato de Augusto B. Leguía, em 1930. Naquela época, o país foi afetado pela Grande Depressão de 1929, que agravou uma crise interna e produziu instabilidade social e econômica. Leguía foi um político que esteve no poder desde 1921 e cujo período de governo, considerado ditatorial, é conhecido como o “*oncenio*”. Como indica o historiador Julio Cotler (2006), o golpe de Sánchez Cerro não foi um fato isolado, pois contou com o patrocínio dos latifundiários do sul do país. Posteriormente, ele também obteve o apoio de outros segmentos da população, que enxergaram nesse militar, o caudilho que o país necessitava:

O levante de Sánchez Cerro provocou um entusiasmo transbordante nos setores populares, na suposição de que a queda de Leguía lhes abriria a possibilidade de participar da vida política do país. Nessa medida, Sánchez Cerro ganhou a imagem de um herói popular. Aproveitando essa circunstância, procurou afirmar-se como “protetor dos pobres”, mediante várias atividades assistencialistas (Cotler, 2006, p. 188).

Se, por um lado, Sánchez Cerro alimentava a aprovação popular a partir de atividades assistencialistas, por outro silenciava grupos e partidos políticos que se rebelavam em diferentes províncias por considerarem que ele queria instaurar uma nova ditadura (Contreras; Cueto, 2005). Essa breve, mas intensa, guerra civil entre o governo militar e a oposição—líderes indígenas, sindicatos e militantes de partidos políticos de esquerda, especialmente dos integrantes da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) – desenvolve-se em alguns capítulos do romance *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), de Karina Pacheco Medrano.

O enredo do romance conta a história de Giralda, mulher da classe alta e nascida em Cusco no ano de 1900, e seu entorno mais próximo. Ela vivencia as mudanças culturais, sociais e políticas da sua cidade durante a primeira metade do século XX. A vida da protagonista está marcada pelas violências e crimes que acontecem na família e na sociedade. De modo distinto das narrativas históricas, quando Pacheco Medrano representa o acontecido nos primeiros anos da década de 1930, centra-se no resgate de passagens da história superficialmente abordados no discurso oficial. Um dos

---

<sup>6</sup> No original: [...] las conspiraciones se han entretejido en los cuarteles, pero también en los salones de los clubes o las casas oligárquicas.

elementos destacáveis da narrativa é a representação das violências perpetradas pelos militares contra opositores ao governo. Rafael, diretor da escola mais importante de Cusco e primeiro esposo de Giralda, é um dos opositores. Portanto, é alvo dos militares na cidade. Ele fica recluso no quartel e trasladado à prisão de Taquile, considerada uma das mais inumanas que foram edificadas no Peru naquela época:

O despertar de 1931 apresentou de entrada suas cartas. A nova ditadura tinha nascido arremetendo de maneira feroz contra os apristas e comunistas cujo número multiplicou-se nos últimos anos, alentando a criação e fortalecimento de numerosos sindicatos. Ao longo do país, começaram a se multiplicar as notícias de **detenções e torturas, bem como de assassinatos, sobre tudo dos opositores mais humildes** (Pacheco Medrano, 2010, p. 89, tradução e grifos nossos).<sup>7</sup>

[Rafael] tivesse gostado de ir primeiro na casa de algum dos seus irmãos ou amigos para tomar banho e recompor de alguma forma seu visual antes de se apresentar frente sua esposa; mas não lhe tiraram da venda dos olhos até que de um empurrão jogaram-no da viatura e se encontrou na porta da sua casa. [...] **Em menos de um mês, perdeu mais de dez quilos e sua face evidenciava a sucessão de socos que sofreu nessas semanas.** [...] Enquanto lhe ajudava a tirar os sapatos e as meias, [Giralda] pode sentir de forma direta a **escala de horror** na qual tinha se elevado o novo regime (Pacheco Medrano, 2010, p. 93, grifos nossos).<sup>8</sup>

Nos excertos, o narrador enfatiza o exercício da violência por parte dos militares. As capturas arbitrárias e as torturas contra a população mais vulnerável reforçaram o poder de Sánchez Cerro, mediante a instrumentalização da violência. Também indicam que essas situações de horror funcionam como terrorismo do Estado e repressão que violentam a intimidade e os corpos humanos (Jelin, 2002). A descrição do estado físico de Rafael, após um mês de prisão, revela as marcas que a repressão e a tortura fizeram em seu corpo com a intenção de quebrantá-lo tanto física quanto psicologicamente.

---

<sup>7</sup> No original: El despertar de 1931 mostró de plano sus propias cartas. La nueva dictadura había nacido arremetiendo de manera feroz contra los grupos de apristas y comunistas cuyo número se había multiplicado en los últimos años, alentando la creación y el fortalecimiento de numerosos sindicatos. A lo largo del país, se empezaron a multiplicar las noticias de detenciones y torturas, así como de asesinatos, sobre todo de los opositores más humildes.

<sup>8</sup> No original: le hubiera gustado ir primero a la casa de uno de sus hermanos o amigos para bañarse y componer de algún modo su aspecto antes de presentarse ante su esposa; pero no le retiraron la venda de los ojos hasta que de un empujón lo sacaron del coche patrullero y se halló frente a la puerta de su casa. [...] En menos de un mes, había perdido más de diez kilos y su rostro evidenciaba la sucesión de golpes que debió sufrir esas semanas. [...] Mientras [Giralda] lo ayudaba a quitarse los zapatos y los calcetines, pudo palpar de manera directa la escala de horror sobre la que se había encaramado el nuevo régimen.

Não obstante, o romance mergulha ainda mais nessa relação entre poder, violência e vítima mediante o desaparecimento dos corpos. Esse procedimento é uma escolha estrategicamente pensada por parte dos militares:

Devido ao aumento dos protestos dos opositores e de alguns de seus aliados, o 1 de março a ditadura de Sánchez Cerro decidiu que era melhor convocar a eleições e ceder o mando a um governo transitório. Isso permitiu a liberação de grande parte dos políticos e dirigentes gremiais apressados durante esses seis meses de mandato. **Dois dos três líderes camponeses detidos com Rafael não voltaram. Ao serem indígenas, receberam os piores maus-tratos e sucumbiram poucos dias antes de que se assinara o decreto que libertou aos demais companheiros** (Pacheco Medrano, 2010, p. 93-94, tradução nossa).<sup>9</sup>

A violência contra líderes camponeses demonstra que a tortura militar não é aleatória nem improvisada. Ela é executada porque está amparada na lei. Por isso, e por ser perpetrada nos quartéis com a aprovação do presidente, os militares não poupam forças nos seus procedimentos repressivos porque sabem que não haverá denúncias e de houver não serão julgados. Os corpos dos opositores são considerados pelos militares como objetos, como “campos de guerra”. Em diálogo com Aníbal Quijano, entendemos que o corpo faz parte das relações do poder, especialmente, o corpo dos mais vulneráveis. Ele deve ser “implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas” (2010, p. 113). Dessa forma, os corpos dos líderes indígenas e do Rafael se transformam em corpo-territórios que, durante o conflito, devem ser (re)disciplinados, (re)educados e (re)invadidos a partir de mecanismos repressivos que sirvam como métodos “pedagógicos” para o resto da população e, dessa forma, evitar novas rebeliões e oposições ao governo. A instrumentalização da violência durante a repressão do governo de Sánchez Cerro evidencia que “[...] sua aplicação tem como objetivo a eliminação do inimigo e possui uma finalidade pedagógica – é uma mensagem educativa dirigida a indivíduos e comunidades dissidentes ou rebeldes” (Cruz; Carvalho, 2021, p. 214).

---

<sup>9</sup> No original: Dadas las protestas crecientes de los opositores y de algunos de sus aliados, el 1 de marzo la dictadura de Sánchez Cerro había decidido que era mejor convocar a elecciones y ceder el mando a un gobierno transitorio. Esto permitió la excarcelación de gran parte de los políticos y dirigentes gremiales que habían sido arrestados durante esos seis meses de mandato. Dos de los tres líderes campesinos detenidos junto a Rafael no volvieron. Al ser indígenas, habían recibido los peores maltratos y sucumbieron pocos días antes de que se firmara el decreto que liberó al resto de sus compañeros.

Por outro lado, a intensidade na execução da violência também varia se considerarmos outros marcadores sociais como raça. Enquanto Rafael é torturado com moderada violência; os líderes indígenas são violentados com maior intensidade devido a traços raciais e sociais considerados “menores” por parte dos militares. Assim, a violação dos direitos humanos desses líderes camponeses está intrinsicamente enraizada ao racismo. Como indicado por Flores Galindo (1984, p. 36, tradução e grifos nossos):

Os direitos humanos se posicionam no âmbito específico entre as relações entre o Estado e a sociedade. **Porém, no Peru, essas relações dependem de quem seja a pessoa, porque alguns são mais iguais do que outros.** A sociedade colonial, quando chegou a Independência, não produziu cidadãos [...] e sim homens diferenciados pela cor de pele, o título nobiliário, o ingresso econômico, os antepassados, o local de nascimento.<sup>10</sup>

Essa lógica herdada do colonialismo se aplica inclusive no governo de um militar mestiço, provinciano e de origem pobre, demonstrando que a herança colonial se instalou em diversas camadas sociais do país e que não é um traço exclusivo das elites brancas e metropolitanas. No Peru, os militares escolhem os alvos da repressão extrema nas populações indígenas de setores médios-baixos ou pobres. No caso brasileiro, a repressão policial está direcionada a populações negras de setores pobres marginalizados pelos estamentos governamentais, como será apresentado a seguir.

#### 4 A polícia militar e o extermínio do povo negro

Por sua extensão e pela pluralidade étnica e cultural, o Brasil é um país multifacetado, como exemplificam a culinária, os cantos, as danças, as variações linguísticas, a religiosidade, as manifestações populares, etc. das diferentes regiões. Esses e outros fenômenos socioculturais têm a contribuição da herança africana e se arraigaram ao cotidiano brasileiro tanto quanto a violência praticada historicamente contra os negros, primeiro pela escravização e depois por sucessivas políticas de exclusão e pela continuidade de práticas de agressividade física. A incorporação, ainda que nem

---

<sup>10</sup> No original: Los derechos humanos se ubican en el ámbito específico de las relaciones entre el Estado y la sociedad. Pero en el Perú estas relaciones dependen de quién se trate, porque unos son más iguales que otros. La sociedad colonial, cuando llega la Independencia, no había producido ciudadanos [...], sino hombres diferenciados por el color de la piel, el título nobiliario, el ingreso económico, los antepasados, el lugar de nacimiento.

sempre percebida, de elementos trazidos pelos escravizados por todas as classes sociais contrasta com o claro desrespeito que os segmentos dominantes têm pelos pretos, como atestam os noticiários e os dados estatísticos sobre as ações policiais que resultam em agressões de todo tipo, chegando ao extremo: pena de morte sem direito a julgamento. Se os casos de execução pela polícia passassem pelos ritos judiciais, as condenações não teriam esse desfecho, por se tratar de punição inexistente na legislação penal brasileira<sup>11</sup>. A violência policial que se vê nas ruas de qualquer cidade brasileira motiva a criação artística, sendo tema de filmes, séries de televisão, músicas e de romances, como exemplifica *O avesso da pele* (2020), de Tenório Cavalcanti.

A narrativa do romance tem como protagonista Pedro, um jovem negro, e é impulsionada por suas ações em busca da construção de sentido para sua vida por meio da reconstituição do passado pouco conhecido do pai, assassinado em uma abordagem policial desastrosa. Diante da impossibilidade de esclarecer fatos, o rapaz passa a completar as lacunas que lhe surpreendem a cada descoberta sobre a vida do pai com as poucas memórias que lhe restaram, por isso, recorre à imaginação para tornar compreensível as informações que não consegue obter. Ainda que lhe falte discernimento a respeito de certos acontecimentos, devido às muitas incertezas com que se depara, ao tentar entender seu passado, Pedro acaba por dar a coerência possível à existência do pai. Dessa maneira, sua trajetória estabelece uma espécie de ponte de acesso entre o presente e o passado, tanto o imediato que diz respeito a expectativas da personagem quanto a tempos distantes que podem ser projetados pelo leitor. Em particular, quanto se trata de um leitor negro que, ao fazer essa projeção, poderá se ver diante do sofrimento de uma coletividade, em consequência da escravização e do racismo no Brasil.

Ambientada em Porto Alegre, a trama de *O Avesso da pele* coloca o problema do racismo em uma região do Brasil onde a população é majoritariamente branca, composta por descendentes de imigrantes de diversos países europeus e que por isso parte deles se sente identificado com o lugar de onde vieram seus antepassados. Por

---

<sup>11</sup> Em levantamento realizado em seis estados, mais especificamente Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, a Rede de Observatórios de Segurança concluiu que a polícia mata uma pessoa negra a cada quatro horas. Fonte: *Violência policial no Brasil: uma pessoa negra é morta a cada quatro horas*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-policial-no-brasil-uma-pessoa-negra-e-morta-a-cada-quatro-horas/> Acesso em: 14 dez. 2022.

terem direito à cidadania de tais países e, por conseguinte, dos membros da União Europeia, muitas dessas pessoas se sentem europeus vivendo no Brasil. O direito à cidadania estrangeira e a situação econômica melhor porque o governo brasileiro cedeu terras e outros benefícios aos imigrantes leva muitos dos que deles descendem a se considerar superiores aos brasileiros e, particularmente, aos negros. Nesse sentido, a obra é um registro de experiências vividas por uma pessoa negra no sul do país, onde mesmo quando é velado, o racismo se mostra mais cruel e violento. Certamente, Tenório ficcionalizou circunstâncias que conheceu, pois a maneira como as descreve faz com que se tornem familiares a qualquer negro no Rio Grande do Sul.

Uma das experiências do cotidiano que o romance retrata é o fato de ter a pele escura se tornar um pretexto quase inquestionável para a polícia considerar uma pessoa criminosa, portanto, é como se o grau de melanina distinguisse a pessoa criminosa das demais. Essa situação é vivida desde cedo, assim adolescentes negros se deparam a violências de quem deveria protegê-los diariamente, como demonstra o fragmento que segue:

Você não chorou porque não teve tempo para isso. Você sentia apenas uma enorme dor de cabeça e percebia que um de seus dentes da frente estava mole, sabia que poderia perdê-lo e por isso evitava passar a ponta da língua nele. Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido (Tenório, 2021, p. 12).

Confundir negro com bandido é motivo suficiente para a polícia maltratá-lo em uma abordagem, primeiro porque normalmente essa pessoa é colocada publicamente diante de parede ou muro em situação de humilhação e ameaça diante de armas apontadas para sua cabeça. Quem passa por isso, mesmo que seja apenas uma vez, sabe que são momentos de pavor, porque o menor movimento pode levar ao disparo de pelo menos um tiro fatal.

As notícias sobre a violência policial contra os negros são diárias, do mesmo modo como se fica sabendo que em muitos casos a brutalidade provoca a morte, fato ilustrado pela edição de 2019 do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* quando revela que das mais de 6200 pessoas negras mortas em decorrência da intervenção policial no ano anterior, oitenta e cinco por cento estavam entre os 15 e os 29 anos,

sendo que de cada quatro assassinados, três eram negros (p. 6)<sup>12</sup>. O trecho citado se refere a um fato que ocorreu na adolescência de Henrique, pai de Pedro, quando sofreu sua primeira abordagem policial, na época em que ainda morava no Rio de Janeiro. Isso se repetiria pouco depois, após passar a residir em Porto Alegre, onde se tornaria algo rotineiro, conforme o relato do filho:

Era meio da tarde de sexta-feira. Então, no início da rua, você viu uma viatura com as sirenes tocando, e àquela altura da sua vida, aos catorze anos, você já havia aprendido que aquela visão era um problema, não que você tivesse consciência de que a polícia te abordava porque você era negro, mas sua experiência já te dizia para se manter longe das viaturas (Tenório, 2020, p. 143).

Como na vida de qualquer jovem negro brasileiro, as abordagens policiais se tornaram rotina na vida de Henrique e as cenas em que são representadas pelo romance de Jeferson Tenório se assemelham a circunstâncias conhecidas no mundo objetivo, como se vê a seguir:

Os policiais estavam com armamento pesado. Estavam parando carros, ônibus e pessoas. Os policiais cheiraram as mãos de vocês e perguntaram onde estava a maconha. Vocês disseram que não fumavam maconha. Eles devolveram a carteira de identidade a você e vocês foram liberados. Ao olharem para trás, vocês viram um rapaz negro levando um tapa dos policiais, no rosto. Estava amanhecendo e vocês só queriam ir para casa (Tenório, 2020, p. 144).

O desfecho da narrativa leva a reflexões profundas a respeito da forma com a polícia e, por extensão, o Estado brasileiro vê os negros, pois embora as vítimas de assassinato sejam majoritariamente os jovens, o envelhecimento apenas diminui o risco de morte em consequência de ações de autoridades, conforme se percebe na transcrição do seguinte episódio:

Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. Gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar. Ele e os outros policiais estavam nervosos, era só para ser mais uma abordagem de rotina. Só isso, vamos, porra, colabora. Mas você não estava se

---

<sup>12</sup> Segundo o Anuário Brasileiro da Segurança Pública os jovens até os 29 anos representam 54,8% das vítimas de homicídio no Brasil” (p. 6). Ainda, de acordo com a publicação, se considerarmos os dados das mortes causadas pela ação policial, “os jovens nesta faixa etária representam 78,5% do total de vítimas de intervenções policiais com resultado morte” (p. 6). Os dados revelam também que 33,6% das vítimas jovens está na faixa etária entre 20 e 24 anos. Fonte: *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: <https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.

importando mais com a rotina deles. Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava te apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham de conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro. Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de larga a pasta, porra. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certeiro na tua cabeça. Os outros vieram simultaneamente e a última imagem que você viu, foi a lua-gema-de-ovo-lá-no-azul-do-céu (Tenório, 2020, p. 172-173).

A parte final do trecho citado reproduz versos de “Imagens”<sup>13</sup>, plástica e divertida declaração de amor composta por Orestes Barbosa e Norival Carlos Teixeira, o Valzinho. Trata-se de ironia que aponta para mais de uma direção, primeiro porque a voz enunciativa sabe que sua paixão não é correspondida, portanto, não se realizará do ponto de vista amoroso. Na trama do romance, a morte de Henrique acontece quando ele está se libertando de uma relação amorosa problemática que manteve com a mãe de Pedro e começando um novo relacionamento, ou seja, a morte interrompe suas expectativas de plenitude afetiva. Por fim, a música torna possível associações com a realidade dos negros brasileiros, cuja vida está sempre ameaçada pela violência policial, portanto a realização e a plenitude de um indivíduo de pele preta têm o Estado como principal obstáculo para que aconteçam.

Por essa perspectiva, tanto o Estado brasileiro quanto o peruano revelam a força das marcas da colonização, decorridos dois séculos após as respectivas emancipações. Por se sentirem superiores, os europeus atribuíram a si próprios o direito de impor a outras populações o seu ideário e, valendo-se das armas e da religião, fizeram das diferenças fenotípicas um dos principais instrumentos para infundi-lo com o objetivo de alcançar a dominação. Por essa lógica perversa, massacraram os povos originários das Américas e submeteram os africanos negros à escravidão ao longo de três séculos, o que se refletiu na organização da estrutura social dos países que se formaram a partir dos territórios ocupados por franceses, ingleses, espanhóis e portugueses.

---

<sup>13</sup> A lua é gema do ovo/No copo azul lá do céu/Se a imagem é maluca/Se eu sou mau compositor/É que tenho a alma em sinuca/Maluca pelo teu amor/O beijo é fósforo aceso/Na palha seca do amor/Porém foi o teu desprezo/Que me fez compositor.

Segundo Aníbal Quijano (2010), a dominação europeia moldou um critério de classificação, a partir do qual surgiram novas identidades históricas e sociais que se desdobraram nas relações de trabalho e no acúmulo de riqueza e, conseqüentemente, no exercício do poder político. Sendo as forças militares e policiais parte do aparato de garantia da ordem que interessa à classe dominante, constituída majoritariamente por descendentes de europeus, sua função é manter negros e indígenas distantes do controle do Estado, assim a violência que empregam é uma estratégia indispensável para manter as estruturas social e econômica sem alterações. Usando métodos das forças armadas, as polícias brasileiras transformam as áreas urbanas periféricas em campos de guerra, onde morrem quase 20 pessoas por dia<sup>14</sup>. Por sua vez, na sociedade peruana, as forças militares consideram os opositores dos estratos mais baixos -líderes indígenas- como principais alvos de repressão. O uso excessivo da violência militar contra essas populações faz parte de políticas que regulam e exterminam esses corpos, como apresentado no romance de Pacheco Medrano ou visível nos protestos acontecidos durante o governo de Boluarte.

## 5 Conclusões

A produção literária no Peru e no Brasil tem se preocupado por preencher lacunas e revitalizar eventos violentos da história dos dois países que foram esquecidos pelas autoridades governamentais. O romance *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), de Karina Pacheco Medrano revisita a guerra interna entre o aparato estatal e opositores de esquerda no governo de Luis Miguel Sánchez Cerro. Por sua vez, em *O avesso da pele* (2020), ao fazer referências à violência policial contra os negros brasileiros, Jeferson Tenório, denuncia uma política que podemos chamar de genocida praticada pelo Estado brasileiro. Nesse sentido, o autor descortina outras formas de violência que a população negra sofre pela ausência de medidas que garantam dignidade mínima quanto à moradia, à saúde, à educação, ao trabalho e à renda, pois ainda que se reconheça a relevância de medidas de governos progressistas para sanar esses problemas, é preciso dizer que são insuficientes para

---

<sup>14</sup> Segundo Renato Alves e Fernando Salla, Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, “ações envolvendo polícias mataram, em média, em 2019, 16 cidadãos comuns por dia, subindo para 17 em 2020”. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/03/matar-e-morrer-uma-guerra-em-que-tanto-policiais-quanto-cidadaos-perdem.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

assegurar o bem-estar dessas pessoas. Sem contar que, por não serem políticas de Estado, ficam sujeitas às inconstâncias de projetos eleitorais de caráter personalista.

Para estabelecer a relação entre ficção e literatura, seguimos as propostas de Paul Ricoeur (1997) e Roger Chartier (2005, 2021) que coincidem em estabelecer pontos de convergência entre ambos os discursos. Para Ricoeur, a história utiliza elementos e técnicas provindos da literatura e que a auxiliam nos seus modos de narrar. Enfatizamos a presença do narrador por ser a instância que escolhe e organiza aquilo que deve ser contado, demonstrando que a história, assim como a literatura, é um discurso parcial e subjetivo que se desenvolve considerando aspectos sociais contemporâneos e externos ao historiador. Por sua vez, Chartier propõe que a história deve aprender a captar e transmitir a energia social, evidente no discurso literário. A recuperação dessa energia evita esquecimentos e apagamentos de grupos sociais excluídos, especialmente das vítimas em contextos de conflito ou guerra.

Por outro lado, é importante entender que nesses contextos violentos, as forças confrontadas incluem o Estado e os “outros”. O Estado aciona a violência para mostrar seu poder e domínio mediante as Forças Armadas que reprimem, sob a máscara da legalidade, aqueles que ousem se opor ao Estado. Em relação ao Brasil, embora as ações violentas aqui referidas não sejam praticadas pelas Forças Armadas, as polícias militares reproduzem sua estrutura, seguem sua disciplina rígida e adaptam as suas normas ao contexto de cada unidade da federação. No caso peruano, a relação Estado-Milícia é de longa data, pois se remonta aos inícios da República. Assim, os militares funcionam como o braço armado do governo, capaz de torturar, desaparecer e assassinar à população opositora do governo de turno.

Em *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), de Pacheco Medrano, se representa o uso da violência contra líderes camponeses e indígenas. A finalidade do assassinato de dois líderes indígenas demonstra duas características, ainda presentes, na sociedade peruana: o racismo e a tortura como método pedagógico. O racismo está presente na escolha de sujeitos indígenas e andinos para serem torturados até a morte. O segundo aspecto, a tortura como pedagogia, procura enviar uma mensagem aos pares do torturado/assassinado. Se algum deles decide se confrontar às autoridades, já sabe qual será seu destino.

No que se refere a *O avesso da pele*, a narrativa aborda um problema do presente, porém ao lê-la é inevitável que se deixe de pensar em um passado indissociável dos quase quatro séculos de escravização dos negros e ao deplorável

destino a que foram submetidos devido à ausência de políticas reparatórias após a abolição. O ato do governo brasileiro complementar à libertação se limitou ao oferecimento de navios para quem desejasse retornar à África e tal gesto, se trouxesse algum tipo de benefício reparador, seria insuficiente para atender a todos os ex-escravizados, que somavam milhões de pessoas, portanto, trata-se de uma operação que demandava exigências econômicas e de logística impossíveis de serem atendidas hoje. Assim, restou aos negros livres o trabalho aviltado e a instalação sob todas as precariedades nas bordas urbanas, situação mencionada lírica e dolorosamente no samba “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão”, que a Mangueira apresentou no carnaval de 1988: “Pergunte ao Criador/Quem pintou esta aquarela/Livre do açoite da senzala/Preso na miséria da favela”<sup>15</sup>.

Tanto Pacheco Medrano quanto Jeferson Tenório reescrevem a história de seus respectivos países, no caso da peruana, configura a *lliclla* dos vencidos, sendo que o escritor brasileiro sugere um passado para aqueles cuja história foi apagada da historiografia. Cria com fios de palavras as imagens do terror que experimentaram e ainda experimentam as populações menos favorecidas de um país, cujo Estado reforça a ideologia de ser mestiço e pluricultural, mas que a cada crise inventa formas de extermínio, seja contra líderes indígenas ou contra moradores de comunidades rurais. Dessa forma, ambos os autores atualizam o acontecido no passado e também nos fazem refletir sobre o que acontece na atualidade. Retornando à repressão policial e militar do governo Boluarte, sabemos que, até março de 2023, o número de assassinatos de civis já está por volta de 60 mortos (Oré Arroyo, 2023), sendo a maioria deles das regiões sul-andinas. Mas, ainda temos esperanças de que uma mulher, como aquela da pintura, com sua *huaraca* logre sobreviver. Que uma mulher, um indígena ou um negro esteja disposta/o a tecer suas memórias, seja em forma de pintura, de música ou de literatura, para assim não cair novamente no esquecimento.

---

<sup>15</sup> O samba é de autoria de Hélio Turco, Alvinho e Jurandir. Disponível em: <https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/51893> “O samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira de 1988 – “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão” – é o hino oficial das comemorações do dia 20 de novembro, data do aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e Dia Nacional da Consciência Negra. É o que determina a Lei nº 9.988/23, de autoria do ex-deputado Chiquinho da Mangueira, que foi sancionada pelo governador Cláudio Castro e publicada no Diário Oficial desta segunda-feira (10) [10 de abril de 2023]. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/repinique/post/2023/04/samba-da-mangueira-vira-hino-oficial-do-dia-da-consciencia-negra.ghml>. Acesso em: 29 abr. 2023.

## REWRITINGS OF STATE VIOLENCE IN PERUVIAN AND BRAZILIAN LITERATURE

**Abstract:** The reconstruction of state violence in the productions of Karina Pacheco Medrano and Jeferson Tenório is analyzed. These rewritings of historical events in Peru and Brazil focus on the representation of women, indigenous and blacks as victims of the state/patriarchal/colonial system. The objective is to demonstrate that the bodies of these subjects are considered by the state as "war zones" that must be (re)invaded to maintain social order. In this way, the narrative fills gaps in official histories, especially in the actions of the military apparatus against the population. In this approach between literature and history, we turn to Ricoeur, in notion of representation and Chartier, um the literature-history interface; on power, violence and the body as a war zone, the proposals of Arendt, Jelin and Quijano are followed.

**Keywords:** History. Narrative. War zone. State. Comparative literature.

### Referências

ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

CHARTIER, Roger. *El presente del pasado: escritura de la historia, historia de lo escrito*. México DF: Universidad Iberoamericana, 2005.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. *História Revista*, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 29–53, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/68280>. Acesso em: 24 set. 2022.

CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo: desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 5. ed. Lima, IEP; PUCP; Universidad del Pacífico, 2013.

COTLER, Julio. *Peru: classes, Estado e Nação*. Brasília: Funag, 2006.

CRUZ, Sonia; CARVALHO, Isaías. Representações de estupro e tortura contra mulheres em La sangre de la aurora. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 3, p. 208-228, 2021.

CUCALÓN, Ana. Ascende a 24 las personas fallecidas durante las manifestaciones en Perú. *CNN Español*, Lima, 17 dic. 2022. Live blog. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2022/12/17/ultima-hora-de-la-crisis-y-protestas-en-peru-en-vivo-muertos-estado-de-emergencia-y-noticias/>. Acesso em: 17 dic. 2022

FLORES GALINDO, Alberto. La tradición autoritaria: violencia y democracia en el Perú. In: KLAIBER, J. (org.). *Violencia y crisis de valores en el Perú*. Lima: PUCP, 1987. p. 21-73.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

LA REPÚBLICA. Represión policial en segunda marcha nacional deja 94 heridos y 2 jóvenes asesinados. *La República*, Lima, 15 nov. 2020. Social. Disponível em: <https://larepublica.pe/sociedad/2020/11/14/segunda-marcha-nacional-en-vivo-minuto-a-minuto-2da-marcha-hoy-14-de-noviembre-2020-en-peru/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

MENESES, Flora. *Kallpa Warmi*. Ayacucho, 12 de dez. 2022. Facebook: Flora Meneses - Artista Plástico. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=682799460105318&set=a.54605644711295>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PACHECO MEDRANO, Karina. *La sangre, el polvo, la nieve*. Lima: San Marcos, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS B.S. & MENESES, M. (Eds.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-117.

SALAZAR JIMÉNEZ, Claudia. *La sangre de la aurora*. Lima: Animal de invierno, 2013.

SEGATO, Rita. *Las estructuras elementales de la violencia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

*Recebido em 30/04/2023*

*Aceito em 27/11/2023*

*Publicado em 30/11/2023*